

Crónica 101Km Ronda - “Uno Igual que Todos” - 14 e 15 de Maio 2022

Pois o Fenómeno Ronda 101Km/24 horas (XXIII Edição) realizou-se, uma vez mais, após o interregno de dois anos devido à pandemia Covid-19.



Inevitavelmente, Ronda não é uma prova! A única prova que Ronda tem, é a prova viva de quem por lá passa e que quando regressa tenta explicar a quem lá não foi o que é e o que viveu por lá, mas não consegue.

Não por não haver nada a contar de significativo. Não por não saber o que contar. Mas sim pelo facto de cada vez que começa a contar, os olhos lacrimejarem, a pulsação acelerar bem mais do que em qualquer parte do percurso e o caudal de recordações da vivência de Ronda 101Km ser tão avassalador que as palavras saem numa velocidade tal, que é como se pedíssemos a um jornalista que relata futebol para o fazer numa partida de golfe.

Em 2020, quando era suposto ter ocorrido o Fenómeno Ronda 101Km, a Legião Espanhola comemorou 100 anos (a Legião Espanhola é o organizador), e por esse facto tinham aberto o limite de inscrições para 5.750 corredores/marchadores, para além dos 3.250 Ciclistas/BTT, já para não falar dos 1.200 Atletas de mais tenra idade que têm uma prova própria.

É logo aqui que tudo começa a ser diferente. Os atletas, as suas famílias e amigos entopem a cidade de Ronda na sexta-feira, quando chegamos, e só a libertam à medida que vão terminando. Isto a juntar às centenas largas de turistas que por lá andavam e que foram continuando a chegar para apreciarem a lindíssima Ronda e arredores (Arriate, Setenil de las Bodegas, Alcalá del Valle, Montejaque y Benaolán) e poderem juntar-se à procissão que se inicia após o último *Cientunero*, que chega no limite de tempo, 24 horas depois da ordem de partida.

Tem muita gente, é isso? Não! Nada disso. São quase a totalidade dos 10.200 atletas referidos acima e mais outros tantos milhares (sim, eu disse milhares) a exhibir com orgulho a camisola de participante ou, no caso dos não participantes, as dezenas de diferentes camisolas, meias, bonés e calções alusivos à prova e à Legião Espanhola que exibem com o mesmo orgulho como se cada um de nós tivesse vestida aquela camisola feita pelos nossos filhos no dia do pai ou da mãe e que gostamos que os outros vejam, mas também vemos a dos outros com o mesmo gosto.



Aquela camisola representa o micro-segundo do pressionar da tecla do *enter* no dia da inscrição que nos dá a mensagem de *plaza* atribuída (há largos milhares de atletas que não conseguem tal feito) e, por isso, todos e cada um de nós sabe que nós conseguimos o que outros tantos desejaram, mas que não tiveram a mesma sorte.

No dia seguinte é usar toda a força física e mental para conseguir vestir a *sudadera* de finalista, mas antes vem toda a parte que nos transforma da tal forma que não sabemos explicar aos outros.

Estar no estádio municipal à hora de partida, as 3.250 bicicletas e 5.750 atletas todos juntos e para onde te vires há outra pessoa com o mesmo ar, com o mesmo desejo e com o mesmo querer que tu, é mais um acontecimento.



Depois, o banho de gente de ambos os lados das ruas apinhadas, desde o estádio e a saída de Ronda, tendo a felicidade de dares a volta de glória na praça de touros mais antiga do mundo, traz-me à memória algo que um *Cientunero* amigo me disse antes de arrancarmos. Qualquer coisa como isto: “Até deixar Ronda não consigo quase respirar e só sei que não deixei o corpo por momentos porque sinto a água a acumular-se nos meus olhos!”. Sei bem do que ele fala.



Daqui para a frente, e para não me alongar (porque já me estão a chegar tantas recordações que transformaria esta crónica num livro), é um carrocil de emoções, mas também de dor e de esforço sobre-humano que cada um sente à sua medida.

Alternámos entre o percurso fora das populações e o banho de gente, de alegria, de incentivo e de emoções, na passagem por cada uma das localidades, seja a que horas for. Isto sempre rodeado de centenas de atletas, quer atrás quer à frente.

Aos 70 km fazemos uma paragem mais longa no quartel da Legião para uma refeição mais completa e para a troca de roupa para a noite: bebida + caldo de galinha, arroz de legumes e ovo, cachorro, tiras de milho e um chupa-chupa.



Após o quartel vem a parte com maior altimetria, com um subir e descer constante e a par da noite vem mais um acontecimento. É olhar para baixo ou para cima da montanha, depende de onde nos encontramos, e vemos um serpentear de luzes das centenas de atletas que ainda vão ter que palmilhar o percurso que já percorremos ou outras tantas centenas que já se adiantaram e que vão mostrando o caminho a percorrer na escuridão da noite.



As coisas começam a ficar cada vez mais difíceis, mas cada vez mais perto da meta, e desta vez, no circuito mais difícil de sempre, houve muito sofrimento a partir do quilómetro 85, com bolhas, unhas negras e cansaço generalizado que é ultrapassado pela resistência e pela superação que nos empurra para a meta, e às 4 e 25 da manhã, 18 horas e 25 minutos depois de arrancarmos (menos 20 minutos que na última edição), chegou a 19ª equipa masculina/mista constituída pelo Pedro Neves, Hélder Baptista, Eduardo Rodrigues, Sofia Ramalho e Rui Ramalho.

Obrigatoriamente, chegue-se a que horas se chegue, temos que estar na reta da meta a ver os corajosos que chegam banhados em lágrimas, com o corpo a pender para o chão ou com os filhos de mão dada, numa marcha de glória e de superação que mais uma vez é preciso lá estar para conseguir entender a sua plenitude. Faltou lá este ano o Super Paco, que com os seus mais de 75 anos, com o seu equipamento característico, calças de caminhada, camisa, mochila e cajado, cumpria todos os anos os 101Km de Ronda em menos de 24 horas e que é uma figura emblemática e sobre o qual foi dada a devida homenagem (procurem na net a



maravilhosa entrevista intitulada “Paco, Uno Igual que Todos”) na revista que foi dada a cada participante. Faleceu o ano passado.

Ronda tem um último acontecimento... é o jurar durante a parte mais dura da prova que é a última vez, e 5 dias depois, com as mazelas a sararem e nós a revivermos o fenómeno e começamos a contar os dias até ao dia de inscrição da próxima edição.

No que me diz respeito, já foi a segunda vez que fiz uma das mais difíceis proezas em provas deste calibre, que é fazê-la no formato pai-filha. Fi-lo com a minha filha Sofia que começou com 4 anos a fazer a prova do Luzinha em Belém (a prova das crianças da meia maratona da Ponte 25 de Abril), e hoje, com 25 anos, corremos junto todas as provas e partilhamos juntos estas vivências, o que nos une ainda mais deixando recordações que viverão connosco para sempre.

Rui Ramalho